

# BAGDÁ NOIR

SAMUEL SHIMON  
[ORG.]

TRADUTORA JEMIMA ALVES

Tabla.

## **9 INTRODUÇÃO**

### **19 PARTE I: ASSASSINATO NA FAMÍLIA**

- 20 MUHSIN AL-RAMLI, A morte da lua egípcia na casa bagdali
- 38 NASSIF FALAK, Registro do Juízo Final
- 64 SINAN ANTOON, O prontuário de Jassim
- 82 AHMAD SAADAWI, Sabor de remorso

### **107 PARTE II: ONDE ESTÁ A VERDADE?**

- 108 SALAR ABDOH, Bagdá em contratempo
- 138 HADIA SAID, Realidade TEPT em Al-Qadissiya
- 176 HAYAT RAIES, A noite do desaparecimento de Sabah
- 198 MOHAMMED ALWAN JABR, O quarto 22

### **211 PARTE III: DESPERTEM-ME**

- 212 SALIMA SALIH, O apartamento
- 228 HASSIN MUZANY, Garrafas vazias
- 248 DHEYA AL-KHALIDI, Chegada à rua Abu Nuwas

### **265 PARTE IV: SANGUE EM MINHAS MÃOS**

- 266 ROY SCRANTON, De volta para casa
- 298 ALI BADR, Baghdad House
- 328 LAYLA QASRANY, Terça-feira da desolação

# INTRODUÇÃO

JARDIM DA JUSTIÇA,  
CIDADE DA PAZ  
**SAMUEL SHIMON**

# P

assados a invasão britânica do Império Otomano, em 1917, e o período do Mandato Britânico, o Iraque moderno veio a se constituir de três províncias: Mosul, Basra e Bagdá. Depois de os iraquianos se rebelarem contra o regime britânico, Faisal I foi coroado rei da monarquia Hachemita, com capital em Bagdá — uma cidade com história longa e rica, fundada pelo califa abássida Abu Jaafar Al-Mansur, no ano de 762, e chamada por ele *Madinat al-Salam* (Cidade da Paz). Desde então, Bagdá se tornou um lugar de congruência entre a cultura, o comércio e o ensino árabes, situada de fato no berço da civilização, às margens do imponente rio Tigre, na região que outrora compreendia a Mesopotâmia. Quando o estado iraquiano moderno foi estabelecido, em 1921, sua população chegava a quarenta milhões de pessoas — com aproximadamente dez milhões apenas em Bagdá, a segunda maior cidade do mundo árabe, atrás apenas do Cairo.

Historicamente, o Iraque é um dos países mais diversos do mundo em termos étnicos. Num passado longínquo, antes de as tribos árabes emergirem nesse território, essa era a região ocupada por sumérios e assírios. Mais tarde, como centro do califado islâmico por mil anos, atraiu uma mistura de várias nacionalidades. Até recentemente, casamentos de

iraquianos com circassianos, turcomenos, curdos ou iranianos eram muito comuns, gerando miscigenação entre esses grupos. Se considerarmos ainda as conquistas mongóis, turcas e iranianas, assim como as inúmeras peregrinações aos lugares sagrados para os xiitas, temos um cenário que torna impossível consentir com a ideia de uma identidade étnica nacional única.

Embora o árabe seja a língua dominante, o curdo, o turcomeno, o assírio, o armênio, o siríaco e o persa também são falados por todo o país. Esses diversos grupos étnicos e linguísticos refletem, por sua vez, uma série de crenças religiosas. (Oficialmente, o Iraque permaneceu um país secular desde o estabelecimento da monarquia até a queda do regime de Saddam Hussein, após a invasão estadunidense, em abril de 2003.) A população majoritária muçulmana divide-se entre xiitas e sunitas — e enquanto não houver uma estatística oficial, presume-se que o número de xiitas seja superior ao de sunitas. Há também uma população significativa de curdos (de maioria sunita) e turcomenos, concentrados no norte do país, nas redondezas de Kirkuk. Muitos iranianos se estabeleceram nos arredores dos lugares sagrados em Najaf e Kadhimiya, assim como os mandeus em Basra e no sul. A robusta população cristã do país possui as mais variadas origens e denominações, formando uma grande parte da população do norte, enquanto os iazidis se assentaram principalmente no entorno do monte Sinjar. Parte expressiva da comunidade judaica de Bagdá (assim como de outras cidades) deixou o país para viver em Israel, no final da década de 1940.

Desse caldeirão de influências, eu encomendei quatorze contos inéditos: dez escritos por autores iraquianos e quatro por estrangeiros. Dentre os não iraquianos estão um estadunidense, um iraniano e duas escritoras árabes — uma tunisiana e outra libanesa. Esses autores, embora não sejam iraquianos, passaram parte da vida em Bagdá e conhecem muito bem a cidade.

A reunião de todos esses contos se mostrou um trabalho bastante árduo. No mundo árabe, não estamos acostumados ao conceito de encomendar histórias com tema e tamanho específicos — e, nesse caso, temos ainda um lugar específico — para então trabalharmos nas revisões com o autor. De maneira geral, os escritores árabes não estão familiarizados com o processo editorial do Ocidente, o que se mostrou desafiador. Além disso, por esta ser a primeira coletânea iraquiana de ficção policial de que tenho conhecimento, eram poucos os que já tinham alguma experiência com a literatura *noir*.

De modo geral, o desenvolvimento do romance moderno iraquiano é um fenômeno recente na história da literatura do país. A maioria das pessoas considera *Jalal Khalid*, de Mahmoud Ahmed Al-Sayed, publicado em 1928, o primeiro romance iraquiano. O livro é estruturado em forma de memórias de um iraquiano de uns vinte anos de idade, que se muda para a Índia em 1919 para escapar da ocupação britânica e se casa com uma judia que conhece na viagem. Depois da Segunda Guerra Mundial, os escritores iraquianos são influenciados pelos gigantes da literatura norte-americana e europeia, cujos trabalhos foram traduzidos para o árabe — apesar de muitos lerem em inglês. Entre alguns dos pioneiros da ficção iraquiana estão

Abdul Malik Nouri, Ghaieb Tumaa Farman, Fouad Al-Tikerly e Mahdi Issa Al-Saqr, que foram sucedidos por nomes como Fadhil Al-Azzawi, Lutfiya Al-Dulaimi, Muhammad Khudayyir, Abdul Rahman Majid Al-Rubaie e Mahmoud Said. Os contos e romances produzidos por esses autores exploram temáticas da vida cotidiana iraquiana, tais como: amor, vingança, idílio, doença e isolamento. Nos últimos anos, alguns desses trabalhos têm adotado aspectos do realismo mágico e do existencialismo.

O romance iraquiano se tornou muito mais difundido depois da invasão estadunidense em 2003 e da consequente queda do regime de Saddam Hussein. Em menos de quinze anos, aproximadamente setecentos romances foram publicados no país — um número maior do que se viu em todo o século XX —, incluindo trabalhos que tratam de tópicos da contemporaneidade, como as sanções das Nações Unidas, a guerra Irã-Iraque, a ocupação iraquiana do Kuwait e, claro, a invasão estadunidense. Como refletem estas páginas, a literatura tem condenado tanto a ocupação estadunidense e a consequente barbárie que destruiu o país como o regime ditatorial que a antecedeu. Alguns autores escrevem de maneira crítica sobre a prevalência religiosa e as milícias sectárias que amplamente controlam as ruas de Bagdá ainda hoje. Dentre os principais escritores iraquianos contemporâneos — alguns deles constam nesta coletânea — estão Ahmed Saadawi, Nassif Falak, Betoool Khedairi, Ali Badr, Inaam Kachachi, Dheya Al-Khalidi, Sinan Antoon, Muhsin Al-Ramli, Duna Ghali, Dhia Al-Jubaili e Chahad Al-Rawi. Muitas de suas obras estão sendo traduzidas para outras



línguas. *Frankenstein em Bagdá*, de Ahmed Saadawi, vencedor do Prêmio Internacional de Ficção Árabe, foi um *best-seller* nos Estados Unidos.

Embora os iraquianos concordem de imediato que suas vidas sempre foram *noir*, a maioria dos contos de *Bagdá noir* é centrada nos anos que sucederam a invasão estadunidense de 2003. Contudo, temos ainda uma narrativa que se passa em 1950 e três nas décadas de 1970 e 1980 — períodos da história recente do Iraque que ajudam a elucidar o presente.

Escapei do país poucos meses antes de Saddam tomar o poder, em julho de 1979. Naquela época, antes de o regime declarar guerra ao Irã, o dinar iraquiano valia 3,60 dólares — atualmente, vale por volta de 0,00084 — e o país vivia uma prosperidade ascendente, ostentando uma força de trabalho internacional e uma classe média crescente. Ao chegar em Damasco, fui imediatamente preso pela polícia secreta síria, acusado de ser um espião judeu. Houve duas razões para isso: a primeira, meu nome (na verdade, sou descendente de assírios); a segunda, ter dito a um policial que eu estava indo para o Líbano em busca de trabalho. Ele totalmente descrente gritou: “Como você acha que vou acreditar nisso, quando todo mundo sonha em trabalhar no Iraque?”.

A guerra Irã-Iraque foi o início do esfacelamento da sociedade civil iraquiana, com meio milhão de soldados e outro meio milhão de civis mortos de cada lado — uma geração inteira efetivamente dizimada. Infelizmente, a maior parte da produção literária da época enaltecia os esforços da guerra contra o que ficou conhecido como os *Magi* iranianos — e, é óbvio,

pouca coisa que não trazia esse teor pôde ser publicada oficialmente. A destruição da vida iraquiana foi realmente levada a cabo quando Saddam Hussein invadiu o Kuwait em 1990. Os dezessete dias de bombardeio sobre Bagdá e outras cidades, liderado pelo exército estadunidense numa coalizão em defesa do Kuwait, e os subsequentes treze anos de sanções econômicas estagnaram a sociedade iraquiana, levando-a de volta para Idade da Pedra. Mas não foi nem de longe o fim da história *noir* do Iraque. Em abril de 2003, a invasão estadunidense aniquilou, de uma vez por todas, qualquer possibilidade de um Iraque secular e moderno.

A fim de orientar os autores desta coletânea, eu me voltei para um dos primeiros livros da série *Noir* da *Akashic*, *Queens Noir*. Achei o conto “Alice Fantastic” (Alice fantástica), de Maggie Estep, a quintessência do gênero. Pedi então permissão para traduzi-lo ao árabe e enviei aos autores como exemplo de bom *noir* — um dos melhores que li na vida, sem um típico *monsieur Poirot* de protagonista. O escritor Hussain Al-Mozany amou o conto de Maggie e, depois da leitura, escreveu sua própria narrativa: “Garrafas vazias”. Infelizmente, foi o último texto do autor, que veio a falecer, vítima de um ataque cardíaco, em dezembro de 2016, aos 63 anos. (Maggie também falecera recentemente, em fevereiro de 2014, aos cinquenta anos.)

Os três contos que se passam durante a era de Saddam discorrem sobre a vida iraquiana nos últimos cinquenta anos. Em “O apartamento”, de Salima Salih, as aparências podem ser muito traiçoeiras quando uma velha senhora que vive só é encontrada morta após ter,

supostamente, batido a cabeça ao cair. “Terça-feira da desolação”, de Layla Qasrany, e “A noite do desaparecimento de Sabah”, de Hayat Raies, capturam a atmosfera e o clima de medo do Iraque da década de 1970, quando Saddam Hussein consolidou impiedosamente o poder baathista. “Baghdad House”, de Ali Badr, é um tributo a Agatha Christie, que morou no Iraque nos anos 1950.

Os sequestros e raptos aleatórios que aterrorizam as famílias desde 2003 é o tema central de “O quarto 22”, de Mohammed Alwan Jabr, enquanto “Chegada à rua Abu Nuwas”, de Dheya Al-Khalidi, descreve um período em que as tropas estadunidenses já haviam deixado o Iraque — o protagonista desperta em meio a um pesadelo, ao se ver cativo de crianças em uma oficina abandonada. “De volta para casa”, escrito pelo ex-soldado Roy Scranton, é uma caçada marcada pela selvageria brutal que se desenrola em Bagdá antes de o Daich ocupar Mosul, na qual um soldado se vinga de líderes de milícia. “O prontuário de Jassim”, de Sinan Antoon, é baseado na história real de pacientes do Hospital Psiquiátrico de Al-Rachad, que escapam em massa após a invasão dos soldados estadunidenses. Em “Bagdá em contratempo”, Salar Abdoh escreve sobre um veterano de guerra e detetive particular iraniano que tem a tarefa de investigar uma série de assassinatos de conspiradores do regime.

A família é também um tema relevante da coletânea, sobretudo a deterioração dos relacionamentos entre pais, filhos e até irmãos. Em “A morte da lua egípcia na casa bagdali”, de Muhsin Al-Ramli, duas lindas irmãs são assassinadas por um conhecido; trata-se de uma história policial que, ao buscar o porquê desses

crimes, apresenta a terrível fratura sofrida pela sociedade iraquiana desde 2003. “Registro do Juízo Final”, de Nassif Falak, que se passa durante o período de sanções das Nações Unidas, desenterra terríveis mensagens, desaparecimentos, diretivas secretas e enigmas que acabam em assassinatos, comandados pelos *mujahidin* como “expressão da vontade de Deus”, tudo registrado em livro, linha por linha. Hadia Said, em seu conto “Realidade TEPT em Al-Qadissiya”, retrata de maneira habilidosa o que se passa na mente de um homem que retorna do exterior ao Iraque e encontra a casa da família abandonada e destruída. Em “Sabor de remorso”, de Ahmed Saadawi, o protagonista Yasser combina a curiosidade do detetive com uma investigação insistente e pragmática à medida que revela a história surreal por trás do aparente suicídio do irmão.

No seu conjunto, as histórias de *Bagdá noir* testemunham a duradoura resiliência do espírito iraquiano em meio aos desdobramentos da vida cotidiana e de um estado de desespero contínuo, do qual a literatura *noir* oferece apenas uma ideia. As contribuições deste livro também se sustentam como contos independentes, nos quais as tradições riquíssimas de interculturalidade transcendem a realidade política imediata — mesmo que nela se baseiem. Muito semelhante à tapeçaria de culturas às margens do Tigre, que formam a Cidade da Paz, *Bagdá noir* comprova que não há nada de monolítico ou ordinário nas vozes de seus escritores.

Samuel Shimon  
Junho de 2018

A MORTE DA LUA  
EGÍPCIA NA CASA  
BAGDALI

**MUHSIN AL-RAMLI**

**Distrito de Al-Fadhil**



grito de sua mãe nos despertou às cinco da madrugada; então, todos nós, moradores da antiga casa bagdali, no distrito de Al-Fadhil, vimos o corpo estirado no pátio. Era Qamar, a jovem universitária, a moradora mais bonita da casa e do bairro todo. A moça mais bonita que nossos olhos já viram.

Da varanda do segundo andar, ela parecia crucificada no chão. Imóvel, com braços e pernas abertos, e os cabelos penteados emoldurando a cabeça feito a lua escura.

O senhorio da casa, um sexagenário, se aproximou e, ao perceber que não havia qualquer vestígio de sangue, verificou o pulso e em seguida o pescoço, certificando-se da morte. Pegou um bilhetezinho que estava entre os dedos dela e leu: “Eu a matei porque a amo”. Ajeitou os óculos e leu uma segunda vez. Foi até o portão principal e conferiu os cadeados e as trancas — instalados desde a chegada dos americanos, a ocupação do país e o surgimento dos grupos de resistência armada no bairro. Estavam perfeitamente trancados, da maneira exata como ele sempre fazia, todos os dias, às dez da noite, depois da imposição do toque de recolher. Então, voltou para o quarto e ligou para a polícia.

A polícia, com habilidades que se resumiam à arte do suborno, se limitou a mandar um sargento e dois praças

para reunirem todos nós pela primeira vez. Os praças trouxeram uma mesa dobrável e duas cadeiras. O sargento sentou-se enquanto os praças nos organizaram em círculo no pátio, e ordenaram que nos sentássemos na cadeira livre, um após o outro, e escrevêssemos: “Eu a matei porque a amo”. Em outro papel, anotaram dados de nossos documentos, mergulharam nossos dedos em tinta e colheram as digitais. Enfiaram todos os papéis em uma pasta e saíram sem dizer se voltaríamos, nos deixando à mercê do medo e da desconfiança uns dos outros.

Como na maioria das casas bagdalis antigas, estávamos em uma construção quadrada de dois andares, com pátio no centro, também quadrado. Havia oito quartos grandes, quatro em cada nível, um em cada lado do corredor — conforme a necessidade, alguns deles tinham sido divididos em dois, com tabiques de madeira — e, em cada andar, havia um banheiro e uma cozinha compartilhados.

Eu e meu amigo Rafid alugamos um desses quartos no segundo andar. Viemos de nosso vilarejo para Bagdá a fim de cursar a universidade e não encontramos nada mais barato do que essa casa perto da faculdade, na Bab Al-Muazzam, a uns vinte minutos de caminhada. Como um típico bairro popular do centro de Bagdá, havia uma grande mesquita, a Al-Fadhil, e próximos a ela a praça Maidan, a rua Al-Rachid e o Banco Central, e a avenida Al-Kifah, onde fica o pronto-socorro e o mercado principal, rodeado por outros mercadinhos e muitos cafés antigos e modernos, restaurantes baratos, hamams públicos, lojas de tecidos

e condimentos, de venda de pássaros, as tradicionais panificadoras e oficinas de ferreiros e de consertos de aparelhos velhos.

Árabes, curdos e turcomanos, muçulmanos, cristãos e sabeus moravam todos juntos ali e, apesar dos diferentes matizes, estavam unidos pelos laços de uma mesma família ancestral. Gente simples e modesta, mas generosa; gente sensível e de coragem, que, apesar de nacionalista, respeitava os estrangeiros que chegavam na região para visitar ou alugar uma casa. O bairro trazia sinais de esquecimento desde sua fundação — na era da Bagdá abássida, ou para além dos limites da história, quando já estava marcado por ruas estreitas, fétidas e esburacadas, apinhada de gritos de crianças brincando e de vendedores ambulantes com seus carrinhos. Nas calçadas, viam-se pilhas de lixo cujo fedor se misturava à fumaça e se erguia ao céu numa confusão de odores de comida, carne assada e temperos. Casas abarrotadas de gente, feitas de tijolos e madeiras já podres que, apoiadas umas nas outras, só não desmoronavam por falta de espaço. Em algumas delas, podia-se ver vestígios de bombardeios e buracos de balas trocadas durante os numerosos enfrentamentos entre americanos e grupos armados.

O quarto de frente ao nosso era alugado por Ádil, estudante universitário que tinha vindo de outro vilarejo. Quanto ao quarto que ficava entre o nosso e o dele, vivia lá um policial bagdali, com a esposa e o filho com síndrome de Down. Gorducho e bigodudo, passava a maior parte do tempo bebendo, à espera da aposentadoria no ano seguinte. O próximo dormitório, cuja porta fora removida, era usado pelo senho-



rio como depósito da lã que ele vendia e pelo meu amigo Rafid, que no meio da noite tinha ali encontros amorosos com Qamar. Os dois tinham uma relação estreita porque estudavam inglês juntos e talvez tenha sido ela quem sugerira que ele alugasse um quarto na casa. Tudo que se passava entre os dois no depósito de lã ocorria com extrema cautela, pois ficava bem em cima do quarto do dono da casa. Ele havia escolhido o cômodo por ser o mais perto da escada e da porta principal, de modo que pudesse supervisionar quem entrava e saía e controlar, ele mesmo, o trancamento da porta. À sua frente, vivia sua filha viúva com dois filhos, enquanto o aposento no final do corredor era ocupado por um casal de trabalhadores e seus filhos — gêmeos adolescentes e gêmeas bebês. Era uma família pobre, conservadora, quieta e que raras vezes víamos ou ouvíamos, com exceção dos gritos das gêmeas de vez em quando. O dormitório vizinho era ocupado pela mãe de Qamar e as três filhas. Qamar era a do meio. A mais velha a mãe chamou de Fadhila, pois nascera aqui no bairro de Al-Fadhil. Fadhila cursou Letras-Inglês na universidade, mas não tinha emprego. Sentia-se desesperada porque ia ficando mais velha e ninguém lhe propunha casamento. A mais nova ainda era uma adolescente do Ensino Médio, que passava a maior parte do tempo se divertindo com os meninos do bairro ou ouvindo música alto. O pai, egípcio, não conseguiu convencer a mãe a viver na terra natal dele, mesmo depois de ela ter tentado por dois anos — quando nasceram Qamar e a filha mais nova, Sahar. As meninas tiveram os nomes escolhidos pela avó paterna. Na noite quente do nascimento de Qamar, a avó saiu

na varanda e viu a lua luminosa e cândida refletida nas águas do Nilo. O nome agradou a mãe porque lhe lembrava a *takiya* do xeique Qamar, um dos maiores líderes do sufismo antigo, no bairro de Al-Fadhil. Frequentada por alunos de teologia de todas as partes do mundo, foi ali, no século XIX, que surgiu o célebre xeique Muhammad Said Al-Naqchbandi, que se tornou um dos maiores xeiques de seu tempo. Seu posto na ordem Naqchbandi, em Bagdá, foi ocupado depois por seu neto, o xeique Bahauddin. A mãe se lembrava de quando o pai a levava, ainda criança, para a *takiya*, e como ela ficava enfeitiçada com os toques dos tambores dos dervixes, seus cantos e danças de giros infinitos. Quando nasceu sua filha mais nova, a avó saiu na varanda, avistou a aurora e disse: “Sahar, pois rima com Qamar”.

A mãe voltou com as filhas para Bagdá alegando que não suportava viver longe de sua pátria, ainda que o Iraque fosse um pedaço do inferno. Ali nascera e ali morreria. Seu avô havia lutado contra a ocupação inglesa e seu pai, oficial do exército, participara da transição de monarquia para república. Portanto, ela não cederia às súplicas do marido para viverem no Egito. E, apesar de um bombardeio ter destruído o telhado da casa que havia herdado, a mulher insistiu em morar de aluguel perto dos escombros até que terminasse a ocupação e fosse possível reconstruí-la, como dizia.

Quatro dias depois da morte de Qamar, por volta das seis da tarde, o vizinho policial veio ao nosso quarto para uma visita. No momento exato de sua chegada, eu estava voltando da universidade sozinho. Meu amigo

Rafid, como de costume, ainda não tinha chegado e, às vezes, dormia fora de casa. Ele era um cara tão vibrante e esperto que em menos de um ano conseguiu estabelecer uma rede de relações impressionante; conhecia donos de restaurantes, lojas e cafés do bairro, da praça vizinha, Maidan, e da Bab Al-Muazzam. Por conta desses contatos, resolvia qualquer problema que aparecesse, como falta de mantimentos ou escassez de combustível para as lamparinas e para cozinhar. Conhecia a maioria dos frequentadores do café Umm Kulthum e os cafetões do distrito de Haydar Khana. Graças a sua habilidade de se relacionar, se dava bem nos estudos sem esforço.

E o que traria o vizinho policial ao nosso quarto senão o vínculo que tinha com Rafid? Era ele quem levava bebidas ao policial quando seu estoque secava, embora não se soubesse de onde vinham. Os dois passavam longas noites jogando xadrez, fumando, conversando e trocando favores e informações sobre a gente do bairro e da região que ambos conheciam.

O policial se sentou na beira da cama de Rafid e comentou, suspirando: “Tadinha da menina Qamar. O que você acha que aconteceu com ela?”

“Não sei”, respondi. “E você, o que acha?”

“Foi assassinada, com certeza”, ele disse. “Asfixia ou envenenamento. Vou descobrir. A última tarefa que vou cumprir antes de me aposentar vai ser resolver esse caso do assassinato dela. A delegacia já deve ter me designado para o trabalho.”

Fiquei perturbado e perguntei: “Quer um chá?”

“Não”, ele respondeu. “O Rafid não tem um restinho de bebida aí?”

“Debaixo da cama.”

Ele estendeu a mão, puxou uma garrafa e serviu-se de um copo sobre a mesinha entre nós. Então, perguntou: “Cadê o Rafid?”

“Não sei, provavelmente na universidade ou no café Umm Kulthum. Deve chegar tarde, como sempre.”

Tomou um gole e disse: “Eu sei que ele tinha um caso às escondidas com a menina Qamar e que os dois ficavam sozinhos de noite no armazém de lã”.

Fiquei ainda mais perturbado e não encontrei outra resposta a não ser: “Acho que não, não sei...”.

Mas ele interveio: “Meu filho me contou que já viu eles se esgueirando até lá mais de uma vez”.

Depois de me calar por um instante, falei: “Mesmo que seja verdade, não acredito que o Rafid tenha qualquer relação ou teria algum benefício com a morte dela. Pelo contrário, é impensável que ele possa ferir alguém. Eu conheço ele bem, somos amigos desde criança no vilarejo. O assassinato dela o chocou, assim como a todos nós”.

“Eu sei, eu sei, o Rafid é um cara bom e faz o bem pra todo mundo. E não suspeito só dele.”

O que ele disse me deixou mais aliviado, apesar de não sentir total honestidade de sua parte. Então continuei: “Além disso, o assassino deixou um bilhete de próprio punho em cima do cadáver dela. A polícia já recolheu amostras da caligrafia de todo mundo. Sem dúvida o criminoso vai ser facilmente descoberto, mais dia menos dia”.

“Não acho. Isso é procedimento padrão pra eles se safarem de qualquer complicação, por isso me designaram para o caso. Eu sou policial desde que tinha a

sua idade e sei que eles não vão fazer nada, principalmente nesse caos, sem laboratório, sem especialistas e sem investigação. Eles vão arquivar o processo como já fizeram com centenas ou milhares de outros, aqueles cadáveres indigentes que encontramos nas ruas todo dia. Além disso, o que faz você pensar que o assassino não tenha, deliberadamente, deixado esse bilhete com caligrafia de outra pessoa só para nos despistar?”

Calou-se, depois concluiu: “O assassino deve ser daqui desta casa, porque o senhorio controla o fechamento do portão principal toda noite. Ele mesmo o conferiu na noite anterior do assassinato de Qamar. De quem você desconfia?”

“Não sei, não desconfio de ninguém, estou tão confuso quanto você”, respondi.

“Não estou confuso. De um jeito ou de outro, vou descobrir como chegar ao criminoso.” Os traços de embriaguez ficavam cada vez mais evidentes nas feições dele. “O que me diz de Ádil, nosso vizinho? Estudante também. O cara vive sozinho e lançava uns olhares furtivos e cheios de cobiça pra Qamar. Ele é um tanto misterioso com algumas coisas. Você conhece bem ele?”

“Mais ou menos. Às vezes, vamos juntos pra faculdade ou nos encontramos na biblioteca. Não sei, ele é um cara bacana e inofensivo, não se interessa por nada que não seja estudar. É bem religioso.”

O policial bufou e disse: “Não se deixe enganar pelas aparências, porque a maioria dos crimes humanos é cometido em nome da religião”.

Nesse ponto da conversa, Rafid chegou. Os dois se abraçaram e ele se sentou ao lado do policial. Serviu-se

de um copo de bebida e encheu de novo o do policial, que lhe perguntou: “Onde você estava?”

“Estava com Ádil, no café Umm Kulthum”, respondeu Rafid.

“Por quê?”, perguntou o policial. “Vocês não costumam andar juntos, nem são tão amigos assim.”

“Sim, mas ele estava ansioso e triste com o que aconteceu. Me pediu conselho sobre sair da casa e procurar outro lugar pra morar. Disse que não consegue mais se concentrar nos estudos e que a imagem do cadáver de Qamar aparece pra ele toda noite em pesadelos horrendos.”

O policial se virou para mim. “A-rá! Eu não disse pra você não confiar nos religiosos?”

Rafid, com sua costumeira autoconfiança, retrucou: “É porque ele é muito sensível. Disse que essa é a primeira vez na vida que vê um cadáver humano, apesar de todas as guerras e perdas deste país”.

Ele pegou o tabuleiro de xadrez e propôs uma partida ao policial, mas o homem se desculpou e saiu, dizendo estar cansado e que, no dia seguinte, teria muito trabalho.

Contei a Rafid tudo o que o policial havia dito e me surpreendeu ele só dar de ombros, deitar-se na cama fumando e dizer: “Deixa ele pra lá, é um idiota. Tenho certeza de que ninguém incumbiu ele de nada. No máximo, talvez, alguém tenha dito: ‘Fique atento, pode ser que você descubra alguma coisa’. Quem garante que não é ele o assassino, ou o filho doente dele, ou até a esposa? A própria Qamar me contou que ele provocou ela mais de uma vez — sóbrio e bêbado — e ela teve que dar uns chega-pra-lá nele. Contou que

o filho dele ficava espiando ela. Várias vezes passou a mão nos braços dela e, uma vez, tentou pegar no seu peito. E ele, embora tenha síndrome de Down, é um cara de vinte e tantos anos, com os hormônios à flor da pele. Quem pode garantir que não foi ele, o pai, ou até mesmo a mãe — tentando tirar Qamar das vistas do filho e do marido? Ele com frequência ameaçava se casar com outra dizendo que era culpa dela todos os filhos estarem mortos, porque nasciam doentes”.

Fiquei surpreso com o que Rafid falou; então disse: “Escuta, a gente tem que sair desta casa o mais rápido possível. Não vamos conseguir mais viver e estudar em paz depois do que aconteceu aqui”.

“Não seja idiota como Ádil. Quem deixar a casa agora vai levantar suspeita sobre si imediatamente e podem até jogar a culpa na pessoa pra encerrarem o caso.”

“O que a gente vai fazer, então?”

“Antes de mais nada, gente precisa descobrir quem é o assassino, depois pensamos em mudar daqui. Eu vou investigar a coisa do meu jeito. Sinto que a morte dela foi um tipo de afronta pra me complicar ou arruinar minha reputação.”

“Não sabia que você amava a moça a esse ponto!”, eu disse.

“A gente estava apaixonado e se dava bem em quase tudo. Parece que muitos moradores da casa sabiam ou ao menos desconfiavam da nossa relação. Qamar me disse que suas irmãs sabiam, porque as três dormiam no mesmo quarto. As duas pegaram ela mais de uma vez escapulindo no meio da noite ou voltando do armazém de lã depois de se encontrar comigo. Todo dia, a mais velha chamava a atenção de Qamar por

causa disso. Tinha ciúmes dela porque Qamar era mais bonita, mais esperta e namorava comigo. Fadhila tentou se aproximar de mim assim que chegamos aqui, mas não correspondi. Comentei com você na época. Então, a assassina poderia ser a irmã mais velha. Até mesmo a mais nova, ainda que minhas suspeitas sobre ela sejam menores. Sahar estava sempre brigando com Qamar e ameaçava desmascarar a irmã, porque ela impedia a menina de desperdiçar seu amor em relacionamentos e saidinhas com os gêmeos e outros caras do bairro.”

“E a mãe delas sabe de tudo isso?”, perguntei.

“Não, a mãe é uma coitada, sempre ocupada tentando conseguir dinheiro pro aluguel e pra comida. Ela sai cedo pra comprar peixe direto com os pescadores e depois passa quase o dia todo vendendo de porta em porta, ou pros restaurantes. Com a paralisação dos bancos e das agências de câmbio desde o início da invasão, a quantia simbólica que o pai delas enviava do Egito não chega mais. É por isso também que às vezes Qamar trabalhava de tradutora pros americanos e trazia documentos e arquivos pra Fadhila traduzir. Precisava do dinheiro pras despesas pessoais. Como você sabe, Qamar não abria mão dos cuidados com a aparência: perfumes, maquiagens, pulseiras, colares e roupas chiques e modernas, apesar de toda essa situação.”

Acendeu um cigarro e continuou a conversa como se pensasse sozinho em voz alta: “O senhorio implicava muito com elas toda vez que atrasavam o aluguel, ameaçando expulsar as quatro daqui. Qamar contou que ele tinha tentado convencer a mãe dela a se divorciar do egípcio pra se casar com ele ou a dar a mão de uma das filhas e, em troca, o homem regis-



traria metade da casa no nome da esposa. O mesmo acordo ele oferecia pra qualquer um que se casasse com a filha dele. Mas a mãe deu uma esculachada nele e, desde então, os conflitos entre os dois não param. Como saber se não é ele o assassino? Sendo o sovina que é, não iria tolerar que não pagassem o aluguel por três meses. Qamar enfrentou ele mais de uma vez com muita firmeza, e não economizaram na troca de insultos. Mas a filha dele também poderia ser a assassina, não? Jovem, viúva e presa a duas crianças pequenas e a um pai opressor. Ela via Qamar como empecilho a qualquer oportunidade de arranjar outro marido. Afinal, todos os homens que entravam nesta casa só tinham olhos pra Qamar, bastava ver sua beleza e simpatia. E pode ser também que pai e filha tenham cooperado por causa da rixa entre as famílias. Eu sei que tinham divergências constantes e se envolviam em brigas e provocações. Mas, além disso, talvez exista uma história anterior que justifique essas querelas entre as duas famílias, que fazem parte dos moradores mais antigos do bairro de Al-Fadhil. Aqui, as famílias herdam tudo, até os inimigos”.

Dessa maneira, e por um mês inteiro, a morte de Qamar se tornou o único assunto entre mim e Rafid. Passávamos as noites nos lembrando dos acontecimentos e imaginando possibilidades, analisando tudo o que sabíamos ou percebíamos. Estudávamos cada um dos moradores da casa em detalhes. Não raro, mergulhávamos em associações de pormenores, lembranças e quaisquer evidências disponíveis. Às vezes, estávamos prestes a nos convencer de que o assassino

era um ou outro; nem a discreta família de trabalhadores escapou. Rafid dizia que os gêmeos tinham um relacionamento com a irmã mais nova, Sahar, e travavam uma guerra silenciosa pela afeição da menina. Qamar se intrometia com frequência, impedindo a irmã de ver os garotos e, vez ou outra, chamava a atenção da dupla com rispidez. Então, o que impediria um dos dois de ser o assassino, ou mesmo ambos? Poderia também ser o pai ou a mãe, ou o casal em ação conjunta, na tentativa de evitar um escândalo e preservar a família para quem trabalhavam dia e noite!

Quando surgiu o nome de Ádil, Rafid comentou: “Eu sei que ele já tinha chamado Qamar num canto, na faculdade. Tentou aconselhá-la e mudar sua maneira de se vestir, falar e se comportar pra que não cometesse tantos pecados, porque a religião é contra tudo isso. Chegou até a lhe propor casamento, caso ela se convertesse como ele”.

Nossas conversas chegaram num ponto em que passamos a duvidar um do outro.

“Você conhece os detalhes do meu namoro com Qamar mais que ninguém aqui”, ele comentou comigo. “Me alertou no começo, tentou me dissuadir e demonstrou certa inveja de mim e desejo por ela. E toda vez que eu voltava do armazém de lã, você me perguntava o que fazíamos lá e pedia detalhes do corpo dela.”

A fala dele me provocou de tal maneira que respondi: “Se há alguém aqui sob forte suspeita de ser o assassino, é você. E quem pensa assim é o seu amigo policial e todos os moradores desta casa”.

Ao que parece, havia entre os moradores dos outros quartos, talvez até da vizinhança, discussões e dúvi-

das como essas. O clima da casa se transformou num campo minado, e estávamos todos sob extrema vigi-  
lância, especulação, tensão e dúvidas. Cada palavra  
enunciada e cada passo dado por qualquer um dos  
moradores era calculado. Estávamos todos sufocados e,  
a qualquer momento, um de nós explodiria, de repente  
e por nada, e ninguém poderia prever as consequências.

Uns quarentas dias depois do assassinato de Qamar,  
ainda de madrugada, acordamos com o grito da mãe  
dela. Vimos então o corpo da filha mais velha, Fadhila,  
estirado de costas no pátio. Braços e pernas abertos,  
cabelos penteados ao redor da cabeça, feito uma lua  
escura. Da varanda do segundo andar, onde mora-  
mos, parecia crucificada no chão. O senhorio da casa  
se aproximou e, ao perceber que não havia qualquer  
vestígio de sangue, verificou o pulso e em seguida o  
pescoço, certificando-se da morte. Pegou um bilheti-  
nho que havia entre os dedos dela e leu: “Eu a matei  
porque a amo”. Ajeitou os óculos e leu uma segunda  
vez. Foi até o portão principal e verificou os cadea-  
dos e as trancas, que estavam perfeitamente fechados,  
da maneira exata como ele os havia deixado na noite  
anterior. Voltou para o quarto e ligou para a polícia.

Pouco tempo depois, soldados americanos arrom-  
baram o portão principal e um grupo de mais de trinta  
militares invadiu a casa, acompanhado pelos três poli-  
ciais que vieram anteriormente investigar o assassi-  
nato de Qamar. Vimos, através do portão destruído,  
o veículo do exército parado na rua. O comandante  
foi até o meio do pátio e estacou com a bota perto da  
cabeça do cadáver enquanto a mãe pranteava sobre

o peito da filha morta. Aos gritos e gesticulando, deu ordens expressas, prontamente atendidas pelo agrupamento de soldados, que correram em direção aos quartos. Arrombaram as portas trancadas e, virando as coisas de cabeça para baixo, investigaram tudo o que havia. Nós, os moradores, permanecíamos ali, cada um no seu lugar, tremendo de medo. Eu e Rafid estávamos de pijamas e de frente para nós se achava Ádil, também de pijamas, murmurando orações e súplicas. Ao nosso lado, o policial com sua camiseta de baixo e sua pança caída, ao lado dele o filho entontecido de sono, esfregando os olhos enquanto um fio de baba escorria da boca aberta até o peito. Algumas mulheres vestiam lençóis, outras cobriam-se com *abayas*.

Os soldados não tocaram em nenhum de nós e, assim que desceram todos ao pátio, um deles, após bater continência, disse algo ao comandante. Lancei um olhar inquiridor para Rafid e ele sussurrou: “Disse que não encontraram arma”.

O comandante murmurou alguma coisa também, então dois soldados correram para levantar a mãe do peito da filha e, colocando os braços dela para trás, algemaram-na e a levaram em direção ao carro militar. A mulher urrava: “Eu a matei porque a amo, matei porque a amo e porque amo o Iraque”.

Seus gritos continuaram até que desaparecessem ela, os soldados e o carro militar. Então, o policial se aproximou de mim devagar e constrangido, arrastando os pés, e disse: “Eu sabia que ela cooperava com grupos da resistência armada e que não aceitava o fato de as duas trabalharem pros americanos. Mas nunca poderia imaginar que chegaria ao ponto de matar as próprias filhas”.

Colocou o braço em volta dos ombros de Rafid e continuou: “Me desculpe, meu amigo, mas todas as minhas suspeitas caíam sobre você. Se não tivesse acontecido o que ocorreu agora, sua prisão seria executada em dois dias. Tenho que reconhecer que fracasei em minha missão. Por isso mesmo, aguardo mais do que nunca a aposentadoria, pra construir uma casa nova e... finalmente descansar”.

*\* Conto escrito originalmente em árabe.*